

Na Saúde, último aviso

16 MAR 1992

16 MAR 1992

O ministro da Saúde, Adib Jatene, na Comissão de Assuntos Sociais do Senado, mostrou preocupação com o quadro crítico em que ocorre o atendimento médico e hospitalar dos brasileiros e expressou o desejo de identificar a origem das grandes distorções na área da Saúde do País. Pediu "sugestões" aos parlamentares sobre como obter mais verbas para os programas de sua área. Não precisou apresentar justificativas maiores ao seu pleito, pois é bem atual a centena de covas já abertas no Recife, à espera das vítimas da cólera.

O ministro da Saúde insistiu na necessidade absoluta de suspensão dos convênios para construção de novos hospitais, uma vez que não conseguimos nem mesmo "manter os já existentes". Ou seja, o médico pediu, sem cerimônias, que a prioridade na verba destinada à Saúde seja o doente e não o tijolo!

Na oportunidade em que o ministro Jatene exibiu tanto bom senso, a Associação Médica Brasileira entregou, também aos parlamentares, dossiê em que se evidencia a precariedade do sistema público de Saúde, a partir de dado muito grave: em 1990, o gasto brasileiro, por habitante, com saúde, foi de menos de US\$ 100, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda um mínimo de US\$ 500! O pior é que gastamos pouco e muito mal; ninguém precisa ser especialista no assunto para saber que todos os anos um hospital precisa ser reequipado. Se não mantemos, com dignidade os que temos, por que o Estado firma sucessivos convênios para edificar imensas estruturas de concreto, vazias de equipamento e de recursos humanos competentes?

Sem dúvida, a epidemia de

cólera que bate à porta dos grandes núcleos urbanos é o *Dies irae* da irresponsabilidade oficial com a Saúde no País. Não é de hoje que o Brasil não tem uma política de saúde, mas sim uma "saúde política". Documento aprovado pela Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa do Rio, por exemplo, mostra que o prefeito da pequena Itaperuna (64 mil habitantes) teve a seu dispor verba para Saúde de mais de US\$ 200 per capita, enquanto a cidade de Caxias recebia, apesar dos dramas dos seus 741 mil habitantes, exatamente US\$ 27 por habitante.

O IBGE demonstrou também que, nos últimos 13 anos, o número de hospitais no Brasil aumentou, enquanto o número de leitos caiu. O motivo do aparente absurdo é que se construíram muitos hospitais pelo País com poucos leitos novos, enquanto na populosa Região Sudeste hospitais desativavam alas inteiras, caindo a oferta de leitos, somente no ano de 1988, na região, de 75,5 mil para 50,6 mil!

Com prudência, o ministro Jatene lembrou aos parlamentares a irresponsabilidade oficial na área da Saúde, mas os compromissos políticos dos congressistas permitirão que esse aviso do bom senso seja compreendido?

